

De tijolo e cimento armado

Fotos Sandra Delgado/Viva Favela



A socióloga Denise Nonato tinha apenas 2 anos de idade quando sua família foi removida da extinta favela da Praia do Pinto, na Lagoa Rodrigo de Freitas (Zona Sul do Rio), para o Conjunto Habitacional Cidade Alta, em Cordovil (Zona Norte), em 1969.

Mais de 30 anos depois, já formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ela decidiu estudar a experiência da remoção e a formação da nova comunidade em sua tese de mestrado em Ciências Sociais, concluída na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) em 2003.

Em “Favela de cimento armado: um estudo de caso sobre a organização comunitária de um conjunto habitacional”, a socióloga de 38 anos aborda algo que sempre a incomodou: a degradação do conjunto habitacional - visto hoje como favela não só por moradores, mas também pelo governo.

Denise escreveu tese sobre a Cidade Alta

Entre os erros na política de remoção à época, ela aponta a triagem das famílias por renda, para decidir para onde elas seriam removidas, sem considerar os laços afetivos. No caso da Cidade Alta, a maioria teve de comprometer até 70% de seus rendimentos para o pagamento das prestações dos imóveis. E não conseguiu se fixar no lugar. Com isso, surgiram novas favelas.

Muitas famílias, relata Denise, aplicaram “o bom e velho golpe” da cessão de direitos a terceiros. Com o dinheiro recebido, saldaram a dívida com o BNH (extinto Banco Nacional da Habitação) e compraram um barraco. “Assim nasceram as favelas do entorno da Cidade Alta. A origem da maior favela que tem lá é essa. O primeiro morador da Divinéia é uma senhora que está viva até hoje e que fez isso.”

Hoje a região é conhecida como Complexo da Cidade Alta. Inclui três conjuntos habitacionais na Cidade Alta e mais quatro favelas, além da Divinéia – Cambuci, Pica-pau, Serra Pelada e Chega Mais.

Denise é contra a remoção e tem acompanhado a polêmica sobre o tema, levantada pela série de reportagens “Illegal. E daí?”, do jornal O Globo. “Por que ninguém fala em remover as favelas que estão na Zona Oeste? São favelas gigantescas, cheias de problemas. Só se fala em remover as que estão próximas da Zona Sul ou em áreas nobres, que estão incomodando, como outrora a Praia do Pinto, que ficava na Lagoa”.



Conjunto habitacional Cidade Alta, em seu estado original, na década de 70

Viva Favela - Por que você escolheu a Cidade Alta para a sua tese?

Denise Nonato - Sempre me incomodou muito o fato de os moradores chamarem o conjunto habitacional de favela. Tinha mil apelidos para se referir ao lugar, mas sempre de uma maneira degradante. Isso era uma incógnita na minha cabeça. As pessoas saíram de uma favela e tinham tudo pra valorizar aquele espaço, até porque pagaram por ele e, no entanto, depreciavam o lugar. Não tinham o menor cuidado com seus imóveis, jogavam lixo pelas calçadas e ainda apelidavam o lugar de favela, denegrindo a própria imagem do ambiente e como morador. De onde vinha isso, por que esse desleixo, por que essa falta de identidade com aquele espaço? Eu levei essas interrogações pra dissertação de mestrado.

A que respostas você chegou?

Na verdade, cheguei a outras perguntas. Uma delas foi “afinal de contas, o que é uma favela?” E aí eu descobri que nem mesmo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) tem uma noção muito clara. Ele diz que são espaços degradados. Enquanto tal, existem muitos por aí. Qualquer puxada (construção irregular), qualquer bairro de periferia, se é um espaço degradado, pode ser qualificado como favela. Percebi também que favela, dependendo de quem fala, pode ter perfis diferentes. Para o morador, a favela é positiva quando ele precisa dessa identidade e negativa, quando atrapalha. Quando ele vai arrumar um emprego, ele não gosta de dizer a moradia porque aquilo denigre ele. Mas se está diante de uma oportunidade, digamos de um político, a identidade de favelado pode ser proveitosa.

E como o asfalto vê a favela?

Pro asfalto, por assim dizer, a identidade de favela continua clássica, de marginalidade, de população analfabeta, de degradação moral, de degradação urbana. Pras autoridades, continua sendo um problema de saúde pública, de arquitetura, urbanístico. O que importa é que atualmente a favela vem ganhando um novo olhar sobre ela. A favela virou um qualificativo, mais do que um substantivo. Então quando a prefeitura quer fazer melhorias num conjunto habitacional, ela inventa um novo programa que é o Pró Morar Carioca que é pra áreas favelizadas. Então não é apenas o morador que vai ter o olhar de conjunto habitacional favelizado, mas também a autoridade. Daí vem toda uma ambigüidade que faz com que essa idéia de favela seja um verdadeiro brinquedo na mão da sociedade.

Você também vê o conjunto habitacional Cidade Alta como uma favela?

Sem dúvida. É uma favela. Tem tudo o que a sociedade aponta que uma favela tem de ter, tráfico de drogas, um monte de meninas que são mães muito cedo, crianças jogadas pelas ruas, jovens

sem atividade nenhuma, degradação física absurda, é muita puxada, é muito prédio caindo aos pedaços literalmente, os infinitos becos...

Se o conjunto habitacional virou uma favela, o que aconteceu de errado nessa remoção?

Os moradores sabem e eu acredito que o governo saiba tanto quanto. As pessoas foram removidas de áreas muito valorizadas da Zona Sul, caso da Praia do Pinto, que deu origem à Cidade Alta. A intenção, na verdade, era liberar aqueles terrenos pra exploração imobiliária. Uma vez tirando essas pessoas do caminho não havia a menor preocupação do que seria feito com elas. A triagem foi feita por renda.

Morar na Zona Sul fazia com que essas pessoas tivessem “n” bicos, então sua renda era muito maior. Indo para um conjunto habitacional, elas estavam a 2, 3 horas do seu

ambiente de trabalho, muitas perderam seu emprego. De uma hora para outra elas tinham de pagar casa, água, condomínio, IPTU, luz, uma série de impostos e coisas que não faziam parte do seu orçamento diário. Isso acabou inviabilizando até mesmo o pagamento da prestação do apartamento. Também não se levou em consideração as estruturas familiares, as relações de vizinhança, que, se sabe, são fundamentais para a vida dessas pessoas, porque elas precisam de quem tome conta de seus filhos, elas dependem dessas relações pra estruturar sua vida.



Favela da Praia do Pinto foi removida

Como eram os imóveis?

Houve um abandono. Minha mãe conta que no primeiro dia que mudamos para o apartamento, ela teve de dormir sentada na porta, porque ele foi entregue no osso. Não tinha porta, não tinha janela, pia, vaso, torneira, lâmpada, nada. O outro conjunto da Cidade Alta, que é conhecido como Pé Sujo e também teve origem em remoção de moradores de favelas, ganhou esse apelido porque não tinha calçamento. Então as pessoas andavam na rua e ficavam com os pés sujos de barro. Então isso mostra quanto essa área foi abandonada.

Como foi a saída da sua família da favela Praia do Pinto?

Nós saímos 24 horas antes do grande incêndio que teve na favela Praia do Pinto. Eu ouvi relatos de vizinhos de que o incêndio foi claramente criminoso, porque não pegou fogo em um lugar, mas em vários lugares e no entorno da favela. A favela queimou de fora pra dentro e muitas famílias ainda estavam lá. Algumas escondidas porque não queriam ser removidas, algumas tentando pegar o que tinha sobrado das mudanças de outras pessoas. Então muita gente morreu queimada, muita gente desapareceu. Isso foi abafado, não foi noticiado. Eu conversei com uma senhora, que é viva até hoje e, por sinal, é minha aluna, que perdeu um irmão no incêndio. Ela tem certeza disso, mas oficialmente ele está desaparecido até hoje. Ele tinha ficado pra trás pra tomar conta da mudança do que eles não puderam carregar.

Após o seu estudo, você diria que os moradores hoje consideram a remoção da favela da Praia do Pinto bem-sucedida?

Olha, pra alguns que tinham o ideal da casa própria na cabeça, ela foi positiva sim. Agora mesmo essas pessoas se queixam muito do alto preço que tiveram que pagar. Seja o valor do ponto de vista financeiro, porque praticamente 70% da renda que eles conseguiam iam todo pro pagamento da casa e pra manutenção. Isso fez com que o nível de vida daquela família caísse muito, gerasse problemas do tipo mães que tiveram de sair de casa pra trabalhar, crianças que saíram dos colégios para arrumar algum bico... e eles se queixam muito do quanto a família sofreu pra conseguir pagar. Uma outra queixa muito grande é da desestruturação dos laços familiares e de vizinhança, que eram muito fortes porque a favela da Praia do Pinto era antiga quando foi removida. No caso da minha família, minha avó tinha renda para vir para a Cidade Alta, mas minha

mãe não, era doméstica, e iria para a Cidade de Deus. Meu pai, que era militar, deu um jeitinho e a família conseguiu ficar junta.



Puxadinhos construídos ao redor dos prédios 'favelizaram' o conjunto

E eles não sentiram diferença na mudança?

Uma queixa comum era a perda das áreas de lazer, porque estando na Zona Sul, havia uma quantidade razoável de áreas de lazer, entre praças, praia, cinema e teatro, coisas que as pessoas imaginam que um favelado não freqüente. Então além de ter aumentado muito os gastos, eles tiveram uma perda na qualidade de vida.

Qual a sua análise da remoção?

Acho que não foi bem-sucedida, já que as pessoas saíram de uma favela, foram para um conjunto habitacional e mantiveram-se dentro de uma favela. Quem chama a Cidade Alta de favela é o morador, mas é também o poder público, porque identifica certos traços urbanísticos ali dentro como sendo típicos de uma favela. Mas a gente não pode esquecer que aquela é a maneira daquela população se expressar. Se ela precisa de mais espaço, ela faz uma puxada. Se ela precisa de uma cozinha maior, transforma o apartamento. É uma maneira de ela se apropriar do espaço, é uma apropriação legítima, mas que é lida pelo asfalto e pelo poder público como favelização. As pessoas permanecem na favela. Tanto fisicamente, lidando com todos os problemas urbanísticos e arquitetônicos, como também com os problemas de violência, de degradação física. Enfim, todos os problemas sociais que uma favela tem, a Cidade Alta tem.

Não é uma questão só de ter luz, esgoto...

Absolutamente, até porque luz a Praia do Pinto já tinha. A maioria das favelas de hoje dispõe de saneamento básico, feito pelos próprios moradores. Se existe algum tipo de encanamento de luz, água, esgoto, enfim, benfeitorias que estão lá, a grande maioria foi feita ao longo dos anos pelos moradores. Quando o Favela-Bairro chega, a proposta dele é integrar a favela ao bairro, e na verdade integrar como? Abrindo uma rua? Fazendo um pouco mais de melhorias ou se aproveitando daquelas melhorias que já existem, pintando um muro, alargando uma rua? Mas isso não é integrar, essa população já está integrada, do ponto de vista político, porque ela vota; integrada do ponto de vista econômico, porque gera renda, trabalha, consome. Então eles estão perfeitamente integrados na sociedade, não existe essa falta de integração de que se fala tanto. Não existe essa cidade partida do ponto de vista que as pessoas apontam. O que está partido, na verdade, são os objetivos, o que se quer com aquele espaço.

Com base no seu estudo, que erros e acertos ocorreram no caso da Cidade Alta e deveriam ser considerados em futuras remoções?

A qualidade do imóvel foi um primeiro acerto. São muito bons, espaçosos, para aquele período dos anos 60. Mas acho que a coisa pára por aí. Erros foram estrondosos. Começa a remoção baseada na renda, quem podia pagar mais ia para tal lugar, quem não podia, ia para outro, pouco se

importando com toda uma estrutura social, uma organização comunitária que existia e que é fundamental para a estratégia de vida dessas pessoas. Segunda questão: você não pode remover para uma área que não tenha uma condução decente, um centro comercial, um hospital, nada. É preciso dar para essa população uma infra-estrutura mínima para que ela tenha um mínimo de qualidade de vida, que realmente possibilite essa população se efetivar ali. Uma outra questão é uma política séria que não vise apenas o lucro. O BNH visava o lucro, por isso foi à bancarrota. Não é possível, uma política de remoção de favelas visando o lucro... Não é essa linguagem mercadológica, da exploração, que se deve ter. É uma linguagem de você buscar realmente uma solução para um problema social. Quando se começar a olhar a favela por esse prisma, aí talvez se consiga fazer alguma coisa mais séria e mais efetiva, que realmente vá provocar resultados mais positivos do que veio acontecendo até aqui.

Você é a favor ou contra as remoções?

Sou contra. Acho que só tem que remover naqueles casos extremos, por uma questão de segurança, vai cair o barraco, a pessoa está correndo risco de vida... Eu acho que o que precisa ser feito é legalizar esses imóveis. Você tem favelas antiqüíssimas, tem de legalizar, dar direito a esses moradores de construir habitações decentes, com segurança, com infra-estrutura. Remover não vai adiantar. Você vai remover a favela e depois ela vai reaparecer, seja naquele espaço ou em outro. Enquanto as pessoas continuarem tratando as favelas como um problema urbanístico, arquitetônico, de saúde pública ou de violência, isso vai permanecer. A favela não é isso, é antes de tudo fruto de um modelo econômico adotado pela nossa sociedade. Tudo isso são conseqüências. Ou se trata a causa ou a favela vai continuar existindo. E me parece que ela não tem muita solução não, a não ser essa, você legalizar. Dar a posse, o documento de posse daquela casa, daquele terreno para aquele morador.



Beco entre os prédios da Cidade Alta

Reprodução

Você está falando dos moradores mais antigos. Como você vê o crescimento desenfreado, inclusive em áreas de proteção ambiental, para o qual há propostas de remoção?

É, isso é uma questão. Mas você vai colocar essa população aonde? Vai remover pra Santa Cruz da Serra, pra Zona Oeste? Com que infra-estrutura, como essa população vai viver? É pra proteger a área ambiental? Se não houver uma política decente pra realocar essas famílias em algum lugar, com uma infra-estrutura decente, o problema vai permanecer. Nada mais é do que você afastar um problema que está incomodando a quem tem poder. Ponto. Por que ninguém fala em remover as favelas que estão na Zona Oeste? São favelas gigantescas, cheias de problemas. Só se fala em remover aquelas favelas que estão próximas da Zona Sul ou em áreas nobres, que estão incomodando, como outrora a Praia do Pinto, na Lagoa. Como a Rocinha e a Cidade de Deus estão em áreas nobres, onde incomodam as pessoas de poder aquisitivo mais alto, a toda a sociedade. Esse é o ponto. Por que não mexem com aquelas favelas que estão incrustadas em bairros afastados e cuja população sofre todo tipo de necessidade? Vai fazer o que fez com a Cidade Alta, esperar 35 anos para fazer a primeira pintura do prédio? Isso é que é política? Pois se é essa a política, o problema favela vai continuar o mesmo.

Como você avalia a polêmica atual sobre o assunto?

A volta de um velho fantasma, pelos velhos motivos. A linguagem é a mesma, os atores são os mesmos. Nada mudou, é o bom e velho discurso: remove ou legaliza. Essa é uma discussão que já data desde os anos 40, sempre a mesma lenga-lenga, o governo dividido... se você lista a quantidade de políticas que foram feitas dos anos 40 para cá, você vê que é um pingue-pongue. Ora eles faziam uma política de remoção, ora uma política de urbanização. Até que o governo federal chegou e disse: vamos remover. Aí foi aquela remoção monstruosa do final dos anos 60, início dos anos 70. Até então foram 20 anos brincando do que a gente vai fazer. Não mudou nada,

são os mesmos atores, os mesmos argumentos que se usa: é perigoso, é uma questão de saneamento básico, é uma questão de segurança para essa população... É a mesma coisa, a área não é urbanizada, não é possível urbanizar... Diziam isso da favela da Praia do Pinto, que ficava ali nas margens da Lagoa, falavam isso da Catacumba, da Ilha das Dragas... e por acaso não tem hoje imóveis maravilhosos, extremamente valorizados nessas áreas? Então só não era urbanizável para aquela população que estava lá, porque eram terrenos valiosos demais para favelados morarem. A questão hoje é a mesma. Tudo bem, há uma questão ecológica, há uma preocupação nesse sentido, são áreas verdes... mas e a população em si? Estamos falando de vidas de pessoas. Se não pode ser nessas áreas, coloque em outras, preserve o espaço, mas dê o direito dessas pessoas morarem também.

Por que a sociedade não mudou o discurso dos anos 60 para cá?

Porque não há interesse em que a coisa se modifique. É muito prático. Porque se você tiver que dizer que isso é um problema social, implica numa mudança de estrutura muito grande. Você dizer que é um problema urbanístico, você faz um projeto Favela-Bairro, entra lá, abre uma rua, coloca um asfalto, coloca uma iluminação e diz que acabou a favela, é muito mais fácil. E o problema real permanece. Se você diz que o problema é a violência, você entra lá com o chamado caveirão (carro blindado da polícia), a polícia mete o pé na porta, porque aquilo é favela. Porque se é no asfalto, você tem que entrar com um mandado, você tem que pedir licença àquele morador, mas enquanto aquilo é favela, eu meto o pé na porta. Isso é muito mais prático do que você ter que negociar, ter que reconhecer a cidadania daquela pessoa, com os direitos que ela tem. Então enquanto esse problema for tratado dessa maneira, é muito mais fácil de ser resolvido. Você dá uma maquiada, resolve ele por algum tempo e daqui a pouco o fantasma está aí de novo.

Qual seria a solução?

Uma política habitacional decente, porque a atual só privilegia a classe média. Você chega para pegar um financiamento, você tem de ter um salário muito mais alto do que a média da população brasileira, senão não consegue um empréstimo para comprar um imóvel. Ou se faz uma política habitacional voltada para a população carente, que seja abrangente e que contemple de fato as necessidades dessa população, ou o problema vai continuar. Porque uma família que tem um filho que se casa e constitui família, ele vai morar onde? Na casa dos pais. Não tem espaço? Constrói verticalmente ou horizontalmente, lá vamos nós. E se não tem espaço ali, vamos ver na favela ao lado. É isso que acontece.

E é bom morar nessas condições?

Não, duvido muito que haja um favelado que diga que é bom. Mas morar em favela é uma estratégia de vida, é barato, porque você não paga aluguel, IPTU, água, luz e é servido de uma infra-estrutura que o entorno te oferece: escolas, supermercados, emprego, lazer. Isso é o ponto em questão. Se você remove essa população e dá a ela toda essa infra-estrutura, ela se fixa no local e fica satisfeita. Mas se simplesmente remove e deixa pra lá, como foi feito com o conjunto habitacional Cidade Alta, é claro que essa população se revolta e não tem como se identificar. Ela está sendo ferida em tudo aquilo que é essencial para a sua vida, como é que vai estabelecer laços com aquele lugar? Não vai, tem mesmo é que degradar.

No caso da Cidade Alta boa parte da população não se fixou...

Não se fixou, absolutamente. Como é que a população ia pagar comprometendo 70% de sua renda, como podia ficar nesse apartamento? Ela simplesmente deu o bom e velho golpe... vários conjuntos habitacionais passaram por isso... ela fazia a cessão de direitos, pegava aquele dinheiro, pagava a dívida com o BNH, passava o seu imóvel e com o que sobrava, comprava um barraco em outro lugar. Foi assim que nasceram as favelas do entorno da Cidade Alta. Essas favelas que estão lá hoje são formadas pelos moradores do conjunto habitacional que não conseguiram ficar nos apartamentos. Eles retornaram para a favela. A origem da maior favela que tem lá é essa. O

primeiro morador da Divinéia é uma senhora que está viva até hoje e que fez isso.

Você conhece algum exemplo bem-sucedido de remoção?

Não. Hoje mesmo eu tive oportunidade de conversar com um morador de Vila Kennedy que foi removido da Rocinha. Ele reclamou que o lugar não tinha absolutamente nada, era uma casa caindo pelas tabelas, uma construção muito ruim, que ele penou muito para deixar do jeito que queria. Ele falou: "Hoje eu gosto de morar em Vila Kennedy, mas demorei 30 anos para gostar de lá". Eu acho que isso diz tudo, você não pode esperar 30 anos para ter qualidade de vida, porque a vida do cara foi. Ele se mudou para lá quando era jovem, forte, agora é um senhor de idade, andando de bengala. Eu não sei até onde ele tem qualidade de vida ou simplesmente cansou de sonhar e se adaptou àquele lugar e àquela realidade.

Você não mora mais na Cidade Alta...

Não, moro no bairro ao lado, Brás de Pina, há 10 minutos de carro, mas ainda tenho uma ligação muito forte com a Cidade Alta, porque meus amigos estão lá, minha mãe mora lá, meu pai também, eu trabalho lá. Quando eu passei no concurso público do estado e tive oportunidade de dar aulas, eu vi que tinha uma vaga para professora de Sociologia no colégio onde eu tinha feito o ensino médio, então eu fiz questão absoluta de voltar para lá (Colégio Estadual República de Guiné Bissau). A ONG Ação Comunitária do Brasil onde trabalhei também tem uma sede lá. Então ainda tenho uma ligação muito forte com a Cidade Alta.

E como é hoje sua visão 'de fora' da Cidade Alta?

Mais do que nunca, vejo a Cidade Alta como uma favela. Estando fora, não tendo que lidar... Embora eu vá lá todos os dias, é uma... Como é que eu vou dizer? É uma coisa sazonal, eu entro e saio, não fico lá o dia inteiro. Então o lixo é uma coisa que passou a me incomodar demais, o comportamento das meninas, dos rapazes... Eu não havia percebido quando eu morava lá o quanto eu estava familiarizada com aquele ambiente. Todo morador de favela acaba naturalizando esse tipo de questão e quando você sai isso realmente começa a te causar mais impacto, a incomodar mais.

Fonte:

Disponível no site <
http://www.vivafavela.com.br/publique/cgi/public/cgilua.exe/web/templates/htm/principal/view_0009.htm?editionsectionid=9&infoid=42791&user=reader> em 19/10/2005.